

**Betty Smith**

**Uma árvore cresce  
no Brooklyn**

**Tradução**

Cecília Camargo Bartalotti

1ª edição

---

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS  
EDITORA

# 1



“SERENO” ERA UMA PALAVRA QUE PODERIA SER USADA PARA O Brooklyn, Nova York. Especialmente no verão de 1912. “Melancólico”, como palavra, era melhor. Mas não servia para a área de Williamsburg, no Brooklyn. Prairie era um nome bonito e Shenandoah tinha uma bela sonoridade, mas nenhum deles era adequado ao Brooklyn. “Serenó” era a única palavra apropriada; ainda mais em uma tarde de sábado no verão.

No fim da tarde, o sol inclinava-se sobre o pátio musgoso que pertencia à casa de Francie Nolan e aquecia a velha cerca de madeira. Olhando para os raios oblíquos do sol, Francie experimentava a mesma sensação agradável que lhe ocorria quando lembrava o poema que recitavam na escola.

*Esta é a floresta primeva. Os pinheiros  
murmurantes e os abetos,  
Barbados de musgos e em verdes vestes,  
indistintos ao crepúsculo,  
Parecem druidas de outrora.*

A única árvore no quintal de Francie não era nem pinheiro nem abeto. Tinha folhas pontudas que cresciam em raminhos verdes que irradiavam do galho e faziam a árvore parecer um punhado de guarda-chuvas verdes abertos. Algumas pessoas a chamavam de “Árvore do Céu”. Onde quer que suas sementes caíssem, produziam uma árvore que se esforçava para alcançar o firmamento. Ela crescia em terrenos cercados e entre pilhas de entulho abandonado, e era a única árvore que vingava em meio ao cimento. Desenvolvia-se, frondosa, mas somente nos bairros de moradias populares.

Em uma caminhada num domingo à tarde, chegava-se a uma área agradável, muito refinada. Era só ver uma dessas arvorezinhas através do portão de ferro que levava ao jardim de alguém para saber que logo aquela parte do Brooklyn se tornaria um bairro popular. A árvore sabia. Ela chegava primeiro. Depois, estrangeiros pobres iam se infiltrando e as velhas e sossegadas casas de pedras avermelhadas eram divididas em apartamentos, colchões de penas eram empurrados sobre o parapeito das janelas para arejar, e a Árvore do Céu florescia. Ela era esse tipo de árvore. Gostava de pessoas pobres.

Era esse o tipo de árvore no quintal de Francie. Seus guarda-chuvas subiam e se espiralavam em volta e por baixo de sua escada de incêndio no terceiro andar. Uma menina de onze anos sentada nessa escada poderia imaginar que estava morando em uma árvore. Isso era o que Francie imaginava todas as tardes de sábado no verão.

Ah, que dia maravilhoso era o sábado no Brooklyn. Ah, que maravilhoso cada canto dele! As pessoas recebiam o salário no sábado, e esse era um dia de descanso, sem a rigidez de um domingo. Elas tinham dinheiro para passear e comprar coisas. Comiam bem nesse dia, se embebedavam, saíam com os namorados, se amavam e ficavam acordadas noite adentro, cantando, tocando música, brigando e dançando, porque o dia seguinte era seu dia livre. Podiam dormir até tarde — até a hora da última missa, pelo menos.

No domingo, a maioria das pessoas se aglomerava na missa das onze horas. Bem, algumas pessoas, umas poucas, iam cedo à missa das seis. Recebiam o crédito por isso, mas não o mereciam, porque eram as que tinham

ficado fora até tão tarde que já era manhã quando chegavam em casa. Então iam à primeira missa, resolviam esse assunto, voltavam para casa e dormiam o dia inteiro com a consciência limpa.

Para Francie, o sábado começava com uma visita ao ferro-velho. Ela e seu irmão, Neeley, como outras crianças do Brooklyn, coletavam trapos, papel, metal, borracha e outros entulhos e os guardavam em caixas trancadas em porões ou escondidas embaixo da cama. A semana inteira, Francie voltava para casa da escola, andando devagar, os olhos na sarjeta à procura de papel-alumínio de maços de cigarro ou embalagens de chiclete, que eram derretidos na tampa de um frasco. O dono do ferro-velho não aceitava uma bola de papel-alumínio não derretido, porque muitas crianças punham arruelas de ferro no meio para aumentar o peso. Às vezes, Neeley encontrava uma garrafa de sifão. Francie o ajudava a arrancar a ponta e derreter o chumbo. O dono do ferro-velho não comprava o sifão inteiro porque isso lhe traria problemas com os fabricantes de refrigerantes. Um sifão de garrafa era muito bom. Fundido, valia cinco centavos.

Francie e Neeley desciam ao porão todas as noites e esvaziavam as prateleiras de todo o lixo acumulado no dia. Tinham esse privilégio porque a mãe de Francie era a faxineira. Saqueavam papel, trapos e garrafas retornáveis. Papel não valia muito. Recebiam só um centavo por quatro quilos. Trapos davam dois centavos por meio quilo, e ferro rendia quatro centavos. Cobre era bom: dez centavos por meio quilo. Às vezes Francie encontrava um tesouro: o fundo de um caldeirão de ferver roupas descartado. Ela o retirava com um abridor de latas, dobrava-o, batia, dobrava, batia de novo.

Logo depois das nove da manhã de sábado, as crianças começavam a se despejar de todas as ruas transversais para a Manhattan Avenue, a via mais importante. Avançavam lentamente pela avenida até a Scholes Street. Alguns carregavam seus entulhos nos braços. Outros tinham carrinhos de mão feitos de caixas de sabão, guarnecidas com sólidas rodinhas de madeira. Alguns poucos empurravam carrinhos de bebê lotados.

Francie e Neeley punham todo o seu lixo em uma sacola de juta. Cada um segurava um lado e os dois a arrastavam juntos pela rua, subindo a Manhattan Avenue, passando pela Maujer, Ten Eyck, Stagg até a Scholes

Street. Belos nomes para ruas feias. De todos os lados, emergiam hordas de pequenos maltrapilhos para inchar a maré principal. No caminho para a loja do Carney, encontravam outras crianças voltando de mãos vazias. Haviam vendido seu entulho e gastado todas as moedas. Agora, retornando com ar de superioridade, zombavam das outras crianças.

— Trapeiro! Trapeiro!

O rosto de Francie ardia ao ouvir a zombaria. Não era um alívio saber que os provocadores eram trapeiros também. Não importava que, depois, seu irmão viria de volta, de mãos vazias, com sua turma, e provocaria os que estavam vindo mais tarde da mesma forma. Francie sentia vergonha.

Carney tocava seu negócio de ferro-velho em um antigo estábulo. Ao virar a esquina, Francie viu que as duas portas estavam hospitaleiramente abertas e imaginou que o grande e indiferente mostrador da balança de pratos piscava, dando boas-vindas. Ela viu Carney, com seu cabelo, seu bigode e seus olhos de ferrugem, presidindo a balança. Carney gostava mais de meninas que de meninos. Ele dava um centavo a mais para as meninas se elas não recuassem quando ele lhes beliscava o rosto.

Por causa da possibilidade desse bônus, Neeley ficou de lado e deixou que Francie arrastasse o saco para dentro do estábulo. Carney avançou, despejou o conteúdo da sacola no chão e deu uma beliscada no rosto dela. Enquanto ele empilhava as coisas na balança, Francie piscou, ajustando os olhos à escuridão, e sentiu o ar musgoso e o cheiro de trapos molhados. Carney virou os olhos para o mostrador e disse duas palavras: “sua oferta”. Francie sabia que nenhuma negociação era permitida. Ela concordou com a cabeça e Carney tirou o entulho da balança e a fez esperar enquanto empilhava o papel em um canto, jogava os trapos em outro e organizava os metais. Só então levou a mão ao bolso da calça, puxou uma velha bolsinha de couro amarrada com linha encerada e contou velhas moedas esverdeadas que pareciam refugio também. Enquanto ela murmurava “obrigada”, Carney fixou um olhar de ferrugem nela e beliscou seu rosto com força. Ela ficou firme. Ele sorriu e acrescentou uma moeda extra. Então seus modos mudaram e ele se tornou ruidoso e brusco.

— Vem — ele gritou para o seguinte na fila, um menino. — Põe chumbo nesse pé! — Ele calculou o tempo para as risadas. — E não estou falando

do entulho. — As crianças riram obedientemente. As risadas soaram como o balir de pequenos cordeirinhos perdidos, mas Carney pareceu satisfeito.

Francie saiu para prestar contas a seu irmão.

— Ele me deu dezesseis centavos e um centavo pelo beliscão.

— Esse centavo é seu — disse ele, seguindo um velho acordo.

Ela guardou a moeda no bolso do vestido e lhe entregou o resto do dinheiro. Neeley tinha dez anos, um ano mais novo que Francie. Mas, como era o menino, cuidava do dinheiro. E dividia as moedas cuidadosamente.

— Oito centavos para o banco. — Essa era a regra; metade de qualquer quantia que conseguissem em qualquer lugar ia para a lata pregada no chão, no canto mais escuro do armário. — E quatro centavos para você e quatro centavos para mim.

Francie amarrou o dinheiro do banco em seu lenço. Olhou para suas cinco moedas, percebendo com alegria que elas poderiam ser trocadas por uma moeda de cinco centavos.

Neeley enrolou o saco de juta, enfiou-o embaixo do braço e foi abrindo caminho para dentro do Charlie Barateiro, com Francie logo atrás. O Charlie Barateiro era a loja de balas por um centavo ao lado do Carney, que atendia ao comércio de entulho. No fim do sábado, sua caixa registradora ficava cheia de moedas esverdeadas. Por uma lei implícita, era uma loja para meninos. Então Francie não passou da entrada. Ficou esperando na porta.

Os meninos, de oito a catorze anos, pareciam todos iguais, de calças curtas folgadas e bonés gastos. Ficavam ali em volta com as mãos nos bolsos e os ombros estreitos tensamente curvados. Cresceriam exatamente desse jeito, parando com essa mesma postura em outros lugares. A única diferença seria o cigarro sempre preso entre os lábios, subindo e descendo no ritmo da fala.

Agora os meninos se agitavam nervosamente, os rostos magros virando de Charlie para os outros meninos e de volta para Charlie. Francie notou que alguns já estavam com o corte de cabelo do verão, tão curto que havia falhas no couro cabeludo onde a máquina havia afundado demais. Esses afortunados tinham os bonés enfiados no bolso ou virados para trás na

cabeça. Os não tosquiados, cujo cabelo ondulava suave e ainda infantil pela nuca, sentiam vergonha e usavam o boné puxado tão para baixo sobre as orelhas que havia algo de feminino neles, apesar de sua brusca profanidade.

O Charlie Barateiro não era barato e seu nome não era Charlie. Ele havia adotado esse nome, e era assim que estava escrito no toldo da loja, no qual Francie acreditava. Por um centavo, Charlie deixava o cliente sortear um número. Um painel com cinquenta ganchos numerados e um prêmio pendurado em cada gancho ficava atrás do balcão. Havia alguns prêmios bons; patins, uma luva de apanhador de beisebol, uma boneca com cabelo de verdade etc. Os outros ganchos tinham mata-borrões, lápis e outros artigos de um centavo. Francie ficou observando quando Neeley comprou um número. Ele removeu o cartão sujo do envelope amassado. Vinte e seis! Cheia de esperança, Francie olhou para o painel. Ele tinha tirado um pano de limpar caneta de um centavo.

— Prêmio ou bala? — Charlie lhe perguntou.

— Bala. O que você acha?

Era sempre igual. Francie nunca soubera de alguém que tivesse ganhado um prêmio que valesse mais que um centavo. De fato, as rodas dos patins estavam enferrujadas e o cabelo da boneca coberto de pó, como se essas coisas esperassem lá desde muito tempo, como o cachorrinho e o soldado de brinquedo do poema “Little Boy Blue”. Um dia, Francie decidiu, quando tivesse cinquenta centavos, ela compraria todos os números e ganharia tudo que estava no painel. Calculou que seria um bom negócio: patins, luva, boneca e todas as outras coisas por cinquenta centavos. Ora, só os patins deviam custar quatro vezes mais! Neeley teria que vir junto nesse grande dia, porque meninas raramente compravam na loja do Charlie. É verdade que havia algumas meninas naquele sábado... ousadas, atrevidas, desenvolvidas demais para a idade; meninas que falavam alto e participavam das brincadeiras ruidosas dos meninos; meninas que os vizinhos profetizavam que não iam dar boa coisa.

Francie atravessou a rua para a loja de doces do Gimpy. Gimpy era aleijado. Ele era um homem gentil, bom com as crianças pequenas... ou pelo

menos era o que todo mundo achava até aquela tarde ensolarada em que ele atraíu uma menininha para o seu sombrio quarto dos fundos.

Francie hesitou quanto a sacrificar um de seus centavos em um Gimpy Especial: o saco-surpresa. Maudie Donavan, sua amiga ocasional, estava prestes a fazer uma compra. Francie abriu caminho até ficar de pé atrás de Maudie. Fingiu que ia gastar o centavo. Prendeu a respiração em suspense quando Maudie, depois de muito pensar, apontou dramaticamente para um saco volumoso no mostrador. Francie teria escolhido uma bolsa menor. Olhou sobre o ombro da amiga; viu-a tirar algumas balas velhas e examinar seu prêmio: um lenço áspero de cambraia. Uma vez, Francie tinha ganhado um frasco pequeno de perfume forte. Hesitou de novo quanto a gastar ou não um centavo em um saco-surpresa. Era bom ser surpreendida, mesmo se não desse para comer o doce. Mas pensou que já havia sido surpreendida estando com Maudie quando ela fez a compra e que isso era quase igualmente bom.

Subiu pela Manhattan Avenue lendo em voz alta os sonoros nomes das ruas que passavam: Scholes, Meserole, Montrose e, depois, Johnson Avenue. Essas duas últimas avenidas eram onde os italianos haviam se estabelecido. O distrito conhecido como bairro dos judeus começava na Seigel Street, avançava pela Moore e pela McKibben e ultrapassava a Broadway. Francie foi para a Broadway.

E o que havia na Broadway Avenue, em Williamsburg, Brooklyn? Nada... apenas a melhor loja de artigos baratos do mundo! Era grande e reluzente e tinha tudo que havia no mundo... ou pelo menos era o que parecia para uma menina de onze anos. Francie tinha cinco centavos. Francie tinha poder. Podia comprar praticamente qualquer coisa naquela loja! Era o único lugar no mundo onde isso podia acontecer.

Ao chegar à loja, percorreu os corredores manuseando cada objeto que lhe agradava. Que sensação maravilhosa a de pegar uma coisa, segurá-la por um momento, sentir seus contornos, passar a mão pela superfície e colocá-la cuidadosamente de volta no lugar. Seus cinco centavos lhe davam esse privilégio. Se um vendedor perguntasse se ela pretendia comprar alguma coisa, poderia responder que sim, comprar algo e esfregar na cara dele. *Dinheiro era algo maravilhoso*, decidiu. Depois de uma orgia de tocar



objetos, ela fez sua compra planejada: cinco centavos de biscoitinhos de menta rosa e brancos.

Voltou para casa pela Graham Avenue, a rua do gueto. Empolgava-se com os carrinhos de mão lotados, cada um deles uma pequena loja em si, os judeus emocionais barganhando e os cheiros peculiares da região; peixe assado recheado, pão ázimo de centeio recém-saído do forno e algo que cheirava a mel fervendo. Olhou com espanto para os homens barbudos com seus gorros de alpaca e seus casacos de sedalina, perguntando-se o que fazia seus olhos serem tão pequenos e severos. Espiou dentro das minúsculas lojas que eram como buracos na parede e sentiu o cheiro dos tecidos para vestidos espalhados em desordem sobre as mesas. Notou os colchões de penas projetando-se de janelas, roupas de cores orientais vibrantes secando nas escadas de incêndio e crianças seminuas brincando nas sarjetas. Uma mulher grávida com uma barriga enorme estava pacientemente sentada na calçada em uma cadeira dura de madeira. Sob o sol quente, observava a vida na rua enquanto guardava dentro de si seu próprio mistério de vida.

Francie se lembrou de como ficara surpresa quando sua mãe lhe disse que Jesus era judeu. Francie achava que ele fosse católico. Mas a mamãe sabia das coisas. Ela falou que os judeus sempre viram Jesus como um garoto ídiche encrenqueiro que decidiu que não ia trabalhar como carpinteiro, casar, estabelecer-se e constituir família. E os judeus acreditavam que o Messias ainda estava por vir, a mamãe disse. Pensando nisso, Francie olhou para a judia grávida.

*Acho que é por isso que os judeus têm tantos filhos, Francie pensou. E por isso que elas ficam sentadas tão quietas... esperando. E por isso que não se envergonham de estarem tão gordas. Cada uma pensa que talvez esteja grávida do verdadeiro menino Jesus. É por isso que caminham com tanto orgulho quando estão assim. Já as mulheres irlandesas sempre parecem envergonhadas. Elas sabem que nunca poderão fazer um Jesus. Será só mais um irlandesinho. Quando eu crescer e souber que vou ter um bebê, vou me lembrar de andar devagar e com orgulho, mesmo não sendo judia.*

\*

Era meio-dia quando Francie chegou em casa. Sua mãe entrou logo depois com a vassoura e o balde, que deixou em um canto com aquela largada final que significava que eles não seriam mais tocados até segunda-feira.

A mamãe estava com vinte e nove anos. Tinha cabelos negros, olhos castanhos e mãos ágeis. Tinha uma boa figura também. Trabalhava como faxineira e limpava três casas de cômodos de aluguel. Quem poderia acreditar que a mamãe esfregava chãos para sustentar eles quatro? Ela era tão bonita, magrinha e animada, sempre estava disposta e alegre. Embora suas mãos fossem vermelhas e rachadas do contato com a água sanitária, tinham belos contornos, com lindas unhas curvas e ovais. Todos diziam que era uma pena que uma mulher bonita e delicada como Katie Nolan tivesse que ficar esfregando pisos. “Mas o que mais ela poderia fazer, considerando o marido que tinha?”, as pessoas diziam. Era verdade que Johnny Nolan era um homem bonito e adorável, muito superior a qualquer outro homem dali. Mas *era* um bêbado. Era o que todos diziam, e era verdade.

Francie fez sua mãe ficar olhando enquanto ela guardava os oito centavos no banco de lata. Passaram agradáveis cinco minutos conjecturando sobre quanto haveria no banco. Francie achava que devia haver quase cem dólares. Sua mãe disse que oito dólares seria um cálculo mais exato.

A mamãe instruiu Francie a sair e comprar alguma coisa para o almoço.

— Pegue oito centavos na xícara rachada e compre um quarto de pão de centeio, e preste atenção se não está velho. Depois pegue cinco centavos, vá ao açougue do sr. Sauerwein e peça o fim da língua por esse valor.

— Mas tem que saber lidar com ele para conseguir isso.

— Diga ao sr. Sauerwein que sua mãe *mandou* — insistiu Katie com firmeza, depois ficou pensativa. — Não sei se devemos comprar cinco centavos de pãezinhos doces ou guardar esse dinheiro no banco.

— Ah, mamãe, hoje é *sábado*. A semana inteira você disse que poderíamos ter sobremesa no sábado.

— Tudo bem. Traga os doces.

A pequena delicatessen judaica estava cheia de cristãos comprando pão de centeio. Ela ficou olhando enquanto o homem enfiava um quarto de pão em um saco de papel. Com sua maravilhosa casca crocante, mas macia, e a base coberta de farinha, era facilmente o pão mais maravilhoso do mundo, ela pensou, quando estava fresco. Entrou no açougue do sr. Sauerwein com relutância. Às vezes ele era simpático quanto à língua, às vezes não. A língua fatiada de setenta e cinco centavos por meio quilo era só para os ricos. Mas, quando estava quase acabando, dava para conseguir o final quadrado da peça por cinco centavos, mas só se você soubesse lidar com o sr. Sauerwein. Claro que, nesse pedaço, não sobrava muita língua. Eram, na maior parte, pequenos ossos moles e cartilagem, com uma leve lembrança de carne.

Por acaso, o sr. Sauerwein estava em um de seus bons dias.

— A língua acabou ontem — disse ele para Francie. — Mas eu guardei para você, porque sei que sua mãe gosta de língua e eu gosto da sua mãe. Diga isso a ela. Ouviu?

— Sim, senhor — murmurou Francie. Ela baixou os olhos para o chão, sentindo o rosto esquentar. Odiava o sr. Sauerwein e *não* ia contar para sua mãe o que ele havia dito.

Na padaria, pegou quatro pães doces, escolhendo com cuidado os que tinham mais açúcar. Encontrou Neeley do lado de fora da loja. Ele espiou dentro da sacola e deu pulos de alegria quando viu os pães doces. Embora já tivesse comido quatro centavos de doces naquela manhã, estava com muita fome e fez Francie correr no caminho de volta para casa.

Seu pai não veio para casa jantar. Ele era garçom e cantor autônomo, o que significava que não trabalhava com muita frequência. Costumava passar a manhã de sábado na sede do sindicato esperando que aparecesse algum trabalho.

Francie, Neeley e a mamãe fizeram uma ótima refeição. Cada um deles teve uma fatia grossa da “língua”, dois pedaços do pão de centeio de cheiro adocicado com manteiga sem sal, um pão doce e uma xícara de café forte com uma colher de chá de leite condensado do lado.

Havia uma ideia especial dos Nolan sobre o café. Era seu único grande luxo. A mamãe fazia um grande bule cada manhã e o reaquecia para o almoço e o jantar, e ele ficava mais forte no transcorrer do dia. Era muita água e muito pouco café, mas a mamãe acrescentava um punhado de chicória que lhe dava um sabor mais forte e amargo. Cada um tinha direito a três xícaras por dia *com leite*. Em outros horários, podia-se pegar uma xícara de café preto quando se tivesse vontade. Às vezes, quando não havia absolutamente nada e estava chovendo e se estava sozinho em casa, era maravilhoso saber que se podia ter *algo*, ainda que fosse apenas uma xícara de café preto e amargo.

Neeley e Francie adoravam café, mas raramente o bebiam. Naquele dia, como de hábito, Neeley manteve o café preto e comeu seu leite condensado espalhado no pão. Tomou um golinho do café puro por mera formalidade. A mamãe serviu o café de Francie e pôs o leite nele, mesmo sabendo que a menina não o beberia.

Francie adorava o cheiro do café e o jeito como ele era quente. Enquanto comia seu pão e carne, manteve uma das mãos curvada em volta da xícara, desfrutando o calor. De tempos em tempos, cheirava sua doçura amarga. Isso era melhor que bebê-lo. No final da refeição, ele ia para o ralo da pia.

A mamãe tinha duas irmãs, Sissy e Evy, que os visitavam com frequência. Toda vez que elas viam o café sendo jogado fora, davam um sermão à mamãe sobre desperdício.

A mamãe explicava:

— A Francie tem direito a uma xícara por refeição como os outros. Se ela se sente melhor jogando fora do que bebendo, tudo bem. *Eu* acho que é bom pessoas como nós poderem desperdiçar coisas de vez em quando e terem a sensação de como seria ter muito dinheiro e não ter que se preocupar com mendigar comida.

Esse estranho ponto de vista satisfazia sua mãe e agradava a Francie. Era uma das ligações entre o pobre apertado e o rico esbanjador. A menina sentia que, mesmo que tivesse menos que qualquer outra pessoa em Williamsburg, de certa forma tinha mais. Ela era mais rica porque tinha algo para desperdiçar. Comeu seu pãozinho açucarado devagar, relutante

em acabar com seu gosto doce, enquanto o café gelava. Com uma pose majestosa, despejou-o pelo ralo da pia, sentindo-se indiferentemente extravagante. Depois disso, estava pronta para ir ao Loshier buscar a cota de pão duro da família para meia semana. Sua mãe lhe disse que ela podia levar cinco centavos e comprar uma torta vencida se conseguisse encontrar uma que não estivesse amassada demais.

A padaria do Loshier fornecia para as lojas da vizinhança. O pão não era embrulhado em papel parafinado e endurecia rápido. A padaria do Loshier recolhia o pão velho dos comerciantes e o vendia pela metade do preço para os pobres. A loja ficava ao lado da padaria. O balcão longo e estreito preenchia um lado e bancos longos e estreitos se estendiam pelos dois outros lados. Uma enorme porta dupla se abria atrás do balcão. As carroças da padaria encostavam no balcão e descarregavam o pão diretamente em cima dele. Vendiam dois pães por cinco centavos, e, quando eles eram despejados, uma multidão brigava aos empurrões pelo privilégio de comprá-los. Nunca havia pão suficiente, e alguns esperavam até três ou quatro carroças chegarem para conseguir o seu. Por esse preço, os clientes tinham que providenciar a própria embalagem. Os compradores, na maioria, eram crianças. Alguns enfiavam o pão sob o braço e iam para casa despidoradamente, deixando o mundo todo saber que eram pobres. Os mais orgulhosos embrulhavam o pão, alguns em jornais velhos, outros em sacos de farinha limpos ou sujos. Francie trazia um grande saco de papel.

Não tentou pegar seu pão de imediato. Sentou-se em um banco e ficou observando. Uma dúzia de crianças se empurravam e gritavam no balcão. Quatro homens idosos cochilavam no banco oposto. Os velhos, dependentes da família, faziam as tarefas de rua e cuidavam de bebês, a única ocupação que restava para os homens idosos e cansados em Williamsburg. Esperavam tanto quanto podiam antes de comprar, porque o Loshier cheirava agradavelmente a pão assando no forno e o sol que entrava pelas janelas era bom em suas velhas costas. Ficavam sentados e cochilavam enquanto as horas passavam e sentiam que estavam ocupando o tempo. A espera lhes dava um propósito na vida por um breve intervalo e eles quase se sentiam úteis outra vez.

Francie ficou olhando para o homem mais velho. Fez seu jogo favorito de tentar adivinhar sobre as pessoas. O cabelo fino e emaranhado era do mesmo tom acinzentado sujo dos tocos de barba que se projetavam das faces encovadas. Saliva seca se acumulava nos cantos da boca. Ele bocejou. Não tinha dentes. Ela observou, com fascínio e repugnância, enquanto ele fechava a boca, puxava os lábios para dentro até não haver mais boca e fazia o queixo subir até quase encontrar o nariz. Analisou seu casaco velho com o forro saindo pela costura rasgada da manga. As pernas estavam abertas e estendidas em impotente relaxamento e faltava um botão na abertura manchada de gordura da calça. Viu que seus sapatos estavam gastos e furados nos dedos. Um dos sapatos estava amarrado com um cadarço muito usado e o outro com um pedaço de barbante sujo. Ela viu dois dedos grossos e imundos com unhas cinzentas enrugadas. Seus pensamentos voavam...

*Ele é velho. Deve ter mais de setenta anos. Nasceu mais ou menos na época em que Abraham Lincoln se preparava para ser presidente. Williamsburg devia ser um vilarejo rural na época, e talvez índios ainda vivessem em Flatbush. Isso foi há tanto tempo. Continuou olhando para os pés dele. Ele já foi um bebê. Deve ter sido delicado e limpo e sua mãe beijava os dedinhos rosados dos seus pés. Talvez, quando trovejava à noite, ela viesse ao seu berço, ajeitasse seu cobertor e murmurasse que ele não precisava ter medo, que a mamãe estava ali. Depois ela o pegava no colo e encostava o rosto na cabeça dele e dizia que ele era seu bebezinho lindo. Talvez ele tenha sido um menino como o meu irmão, que entrava e saía correndo de casa e batia a porta. E, enquanto sua mãe o repreendia, pensava que talvez ele fosse presidente um dia. Depois ele foi um jovem, forte e feliz. Quando caminhava pela rua, as garotas sorriam e se viravam para olhá-lo. Ele lhes sorria de volta e talvez piscasse para a mais bonita. Acho que deve ter se casado e tido filhos, e estes achavam que ele era o papai mais maravilhoso do mundo pelo jeito como trabalhava tanto e lhes comprava presentes no Natal. Agora seus filhos estão ficando velhos também, como ele, e eles têm filhos, e ninguém quer mais o velho e estão esperando que ele morra. Mas ele não quer morrer. Ele quer continuar vivendo mesmo sendo tão velho e não tendo mais nenhum motivo para ser feliz.*

O lugar estava quieto. O sol de verão se infiltrava e criava caminhos poeirentos que desciam inclinados da janela ao chão. Uma grande mosca verde entrava e saía zumbindo da poeira ensolarada. Exceto por ela e pelos velhos que cochilavam, o lugar estava vazio. As crianças que esperavam o pão tinham ido brincar do lado de fora. Suas vozes agudas pareciam vir de muito longe.

De repente, Francie se levantou de um pulo. Seu coração batia acelerado. Ela estava com medo. Do nada, pensou em um acordeão se abrindo inteiro para produzir uma nota. Depois vislumbrou o acordeão se fechando... fechando... fechando... Um pânico terrível e inominável a invadiu quando tomou consciência de que muitos dos lindos bebês no mundo tinham nascido para um dia se tornar algo como esse velhote. Ela precisava sair daquele lugar ou isso aconteceria com ela também. De repente, seria uma mulher velha com gengivas desdentadas e pés que causavam repugnância nas pessoas.

Nesse momento, as portas duplas atrás do balcão se abriram enquanto uma carroça de pão entrava de ré. Um homem parou atrás do balcão. O condutor da carroça começou a jogar pães para ele, que os empilhava no balcão. Ao ouvirem as portas se abrindo, as crianças na rua entraram todas de uma vez e se aglomeraram em volta de Francie, que já havia chegado ao balcão.

— Eu quero pão! — Francie gritou. Uma menina corpulenta lhe deu um forte empurrão e perguntou quem ela achava que era. — Que te importa? — Francie lhe disse. — Quero seis pães e uma torta não muito amassada! — berrou para o vendedor.

Impressionado com sua intensidade, o homem no balcão empurrou para ela seis pães e a menos estragada das tortas rejeitadas e pegou o dinheiro. Ela abriu passagem pela multidão, derrubando um pão que teve dificuldade para pegar de volta, porque não havia espaço para se abaixar.

Do lado de fora, sentou-se no meio-fio e arrumou os pães e a torta dentro do saco de papel. Uma mulher passou, empurrando um bebê em um carrinho. O bebê balançava os pés no ar. Francie olhou e viu não o pé do bebê, mas uma coisa grotesca em um grande sapato rasgado. O pânico voltou e ela correu todo o caminho de volta para casa.

Não havia ninguém lá. Sua mãe havia se arrumado e saído com a tia Sissy para ver uma matinê no teatro em um assento de dez centavos na galeria. Francie guardou os pães e a torta e dobrou o saco de papel com cuidado para ser usado na próxima vez. Foi para o minúsculo quarto sem janelas que dividia com Neeley e se sentou na cama no escuro, esperando as ondas de pânico passarem.

Depois de um tempo, Neeley entrou, se enfiou embaixo da cama e puxou uma luva gasta de apanhador.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

— Jogar bola no terreno.

— Posso ir junto?

— Não.

Ela o seguiu pela rua. Três meninos do grupo dele o esperavam. Um tinha um taco, outro uma bola de beisebol e o terceiro não tinha nada, mas usava um calção de beisebol. Tomaram a direção de um terreno vazio para os lados de Greenpoint. Neeley viu Francie vindo atrás, mas não falou nada. Um dos meninos o cutucou e disse:

— Ei! A sua irmã está nos seguindo.

— É — confirmou Neeley.

O menino se virou e gritou para Francie:

— Vá cuidar da sua vida!

— Este é um país livre — declarou Francie.

— Este é um país livre — repetiu Neeley para o menino.

Não ligaram mais para Francie depois disso. Ela continuou a segui-los. Não tinha nada para fazer até as duas horas, quando a biblioteca do bairro reabria.

Foi uma caminhada lenta e cheia de brincadeiras. Os meninos paravam para procurar papel-alumínio na sarjeta e pegar pontas de cigarro que guardavam para fumar no porão na próxima tarde de chuva. Gastaram um tempo atormentando um menininho judeu que ia para o templo. Detiveram-no enquanto discutiam o que fazer com ele. O menino esperou, sorrindo humildemente. Os cristãos por fim o liberaram com instruções detalhadas sobre como ele deveria se comportar na semana seguinte.



— Não mostre a cara na Devoe Street — ordenaram a ele.

— Está bem — ele prometeu.

Os meninos ficaram desapontados. Esperavam mais resistência. Um deles tirou um giz do bolso, desenhou uma linha ondulada na calçada e ordenou:

— Nunca passe desta linha.

Sabendo que os havia ofendido por ceder com tanta facilidade, o menino decidiu entrar no jogo.

— Não posso nem pôr um pé na sarjeta?

— Não pode nem *cuspir* na sarjeta — lhe disseram.

— Está bem. — Ele suspirou com fingida obediência.

Um dos meninos maiores teve uma inspiração.

— E fique longe das meninas cristãs, entendeu? — Depois se afastaram e o deixaram na calçada, olhando espantado para eles.

— *Pu-xaa!* — o garotinho sussurrou, girando os grandes olhos judeus. A ideia de que aqueles góis o considerassem homem o bastante para pensar em *qualquer* menina, gentia ou judia, o atordoou, e ele prosseguiu em seu caminho repetindo “pu-xaa”.

Os meninos continuaram devagar, olhando maliciosamente para o menino maior que havia feito o comentário sobre as meninas e imaginando se ele ia começar uma sessão de conversa suja. Mas, antes que ele tivesse chance, Francie ouviu seu irmão dizer:

— Eu conheço aquele menino. Ele é um judeu branco. — Neeley tinha ouvido seu pai falar assim de um atendente de bar judeu de quem ele gostava.

— Não existe isso de judeu branco — disse o menino grande.

— Bom, se existisse isso de judeu branco — prosseguiu Neeley, com aquela combinação de concordar com os outros e, ainda assim, manter as próprias opiniões que o tornava tão amistoso —, ele seria.

— Nunca poderia haver um judeu branco — replicou o menino maior —, nem por suposição.

— Nosso Senhor era judeu. — Neeley citou a mãe.

— E outros judeus se viraram contra ele e o mataram — decretou o menino grande.

Antes que pudessem se aprofundar na teologia, viram outro menininho virar na Ainslie Street, vindo da Humboldt Street, com uma cesta no braço. A cesta estava coberta com um pano limpo rasgado. Um pauzinho saía por um canto da cesta e, nele, como uma bandeira caída, penduravam-se seis pretzels. O menino grande do grupo de Neeley deu uma ordem e eles se juntaram em volta do vendedor de pretzels, que se manteve firme, abriu a boca e berrou:

— Mamãe!

Uma janela se abriu no segundo andar e uma mulher segurando um quimono amassado de crepe em volta dos peitos espalhados gritou:

— Deixem ele em paz e caiam fora daqui, seus filhos da puta.

Francie cobriu depressa os ouvidos para não ter que contar para o padre na confissão que tinha ficado parada ouvindo uma palavra feia.

— Nós não estamos fazendo nada, senhora — disse Neeley, com aquele sorriso adulator que sempre ganhava sua mãe.

— Podem apostar que não mesmo. Não enquanto eu estiver por aqui. — Então, sem mudar o tom, ela chamou o filho. — E você, suba agora. Vou te ensinar a não me amolar quando estou tirando um cochilo. — O menino dos pretzels subiu a escada e o grupo continuou andando.

— Aquela mulher é brava. — O menino maior fez um sinal com a cabeça indicando a janela.

— É — os outros concordaram.

— Meu pai também é bravo — comentou o menor dos meninos.

— E daí? — falou o menino maior, com desinteresse.

— Eu só estava comentando — desculpou-se o menino menor.

— O meu pai não é bravo — disse Neeley, e os meninos riram.

Continuaram andando, parando de vez em quando para respirar fundo o cheiro do Newtown Creek, que fluía em seu trajeto estreito e tormentoso por alguns quarteirões na Grand Street.

— Caramba, que fedor — comentou o menino maior.

— É! — Neeley pareceu imensamente satisfeito.

— Aposto que esse é o pior fedor do mundo — gabou outro menino.

— É.

E Francie murmurou “é”, concordando. Tinha orgulho daquele cheiro. Ele lhe informava que havia um curso de água por perto, que, mesmo sujo, unia-se a um rio que corria para o mar. Para ela, a estupenda fetidez sugeria navios navegando para longe e aventuras, e ela gostava do cheiro.

No momento em que os meninos chegaram ao terreno onde havia um losango irregular de beisebol produzido pelo movimento de muitos pés, uma pequena borboleta amarela voou sobre a grama. Com o instinto humano de capturar qualquer coisa que corresse, voasse, nadasse ou rastejasse, eles a perseguiram, jogando os bonés velhos sobre ela. Neeley a pegou. Os meninos a olharam de relance, mas logo perderam o interesse e começaram uma partida de beisebol de quatro pessoas ao seu próprio modo.

Jogavam furiosamente, xingando, suando e batendo uns nos outros. Cada vez que um andarilho qualquer passava e parava por um instante, eles faziam movimentos exagerados e se exibiam. Havia rumores de que o Brooklyn Dodgers tinha uma centena de espiões vagueando pelas ruas nas tardes de sábado, de olho nos jogos nos terrenos e em jogadores promissores. E não havia um menino sequer no Brooklyn que não preferisse jogar nos Dodgers a ser presidente dos Estados Unidos.

Depois de um tempo, Francie se cansou de olhá-los. Sabia que eles iam jogar, brigar e se exhibir até que fosse hora de voltar para casa para jantar. Eram duas horas. A bibliotecária devia estar de volta do almoço agora. Já sentindo o prazer por antecipação, Francie rumou para a biblioteca.